

Participantes da Europa, EUA, Canadá e América Latina discutem na Unicamp as tendências das bibliotecas digitais

Promovendo o acesso ao inacessível

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

Vitrúvio escreveu o único tratado sobre arquitetura romana da antiguidade que foi conservado até os nossos dias. O estudioso que quiser saciar a sede por essa arte, no entanto, precisa ir a Roma. A obra integra a biblioteca do conde Francesco Cicognara (1767-1834), que adquiriu praticamente todos os livros de arqueologia e história da arte publicados no período que vai da invenção da imprensa, em meados do século 15, até o final do século 18. Falido, principalmente por financiar artistas sob sua guarda, Cicognara vendeu a coleção pessoal para o Vaticano, onde ela está acessível apenas para privilegiados. A partir do ano que vem, parte significativa da coleção do crítico, historiador de arte, pintor e bibliófilo italiano começa a ser disponibilizada on-line na Biblioteca Digital da Unicamp. Além de Vitrúvio, terão prioridade Cesare Ripa e Muratori.

É esta possibilidade de acessar um conhecimento até então inacessível que atraiu mais de 500 inscrições para o II Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais, de 17 a 21 de maio, no Centro de Convenções da Unicamp. Até sexta-feira, os participantes estarão discutindo a difusão de propostas e projetos na área de sistemas informacionais para gerenciamento de conteúdos digitais, e também o compartilhamento de soluções técnicas de acessibilidade a fontes eletrônicas de informação e serviços visuais. Segundo o bibliotecário Luiz Atílio Vicentini, coordenador do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), será uma semana de reuniões técnicas, cursos para o desenvolvimento de bibliotecas digitais, palestras e apresentações

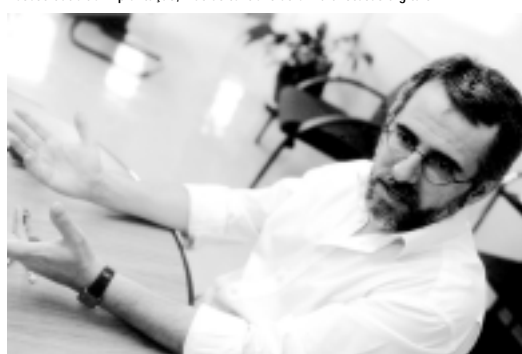
de trabalhos. "Este simpósio é uma continuidade do workshop sobre política de informação em bibliotecas digitais, que realizamos no ano passado. Agora, o público já não discute a necessidade de implantação, mas as tendências em bibliotecas digitais, sistemas de informação, recursos eletrônicos como apoio ao ensino e pesquisa, a informação digital para a inovação e desenvolvimento econômico e social, aspectos legais do documento eletrônico, direitos autorais e propriedade intelectual, preservação digital e consórcios e parcerias", explica. Vicentini ressalta que o evento ganha definitivamente um caráter internacional, com a presença de cerca de 30 palestrantes e participantes dos Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Chile, e inscrites de quase todos os países da América Latina. O evento terá também um estande da Editora da Unicamp.

2.800 teses – Luiz Vicentini lembra que o simpósio é comemorativo dos 50 anos do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), órgão que tem um projeto nacional de integração das diversas bibliotecas digitais em implantação no Brasil. Vicentini informa que, nesse sentido, a Biblioteca Digital da Unicamp já disponibilizou perto de 2.800 teses de mestrado e doutorado, somando 190 mil downloads. O Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), por exemplo, está com todas as teses defendidas na unidade digitalizadas, desde a primeira em 1969.

O último dia do simpósio está reservado para a discussão de consórcios e parcerias para compartilhamento e transferência de dados, visando facilitar a divulgação científica através das tecnologias de arquivos abertos. "A tradição de cientistas em publicar voluntariamente os resultados de suas pesquisas, sem ter de pagar



O professor Luiz Atílio Vicentini, coordenador do SBU: "O público já não discute a necessidade de implantação, mas as tendências em bibliotecas digitais"



O professor Luiz Marques, do IFCH: "Ficamos com a posse da maior biblioteca de fontes da história da arte"

por esta publicação, já é possível com o uso de tecnologias da Internet, dentre elas as bibliotecas digitais que utilizam protocolos de arquivos abertos (*Open Archives Initiative* – OAI)", observa Vicentini. Ele acrescenta que as instituições brasileiras serão convidadas a participar do acordo com a Berlin

Open Access Accord, iniciativa que prevê o acesso livre e sem restrições a publicações científicas, reduzindo custos com assinaturas de coleções impressas, e da qual participam pelo menos treze países europeus. Maiores informações podem ser obtidas no endereço www.sibd.bc.unicamp.br.

Biblioteca Cicognara

Em setembro de 2002, este jornal destacou a aquisição pela Unicamp de mais de 40 mil microfichas reproduzindo cinco mil títulos da biblioteca particular do conde Francesco Cicognara. O acervo, que está sob os cuidados do setor de Obras Raras da Biblioteca Central (BC) da Unicamp, foi negociado junto à Universidade de Illinois, detentora de um convênio com a Biblioteca Apostólica Vaticana que permitiu a duplicação em microfichas dos livros de Cicognara. "Da noite para o dia, ficamos com a posse da maior biblioteca de fontes da história da arte", recorda o professor Luiz Marques, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), responsável pelo projeto financiado pela Fapesp.

Marques conta que o bibliófilo italiano adquiriu todos os livros essenciais publicados de meados do século 15 ao final do século 18. Ele prevê que o núcleo mais importante da coleção de Cicognara, entre 30% e 40%, estará disponibilizado na Biblioteca Digital da Unicamp até 2006, quando vence o prazo para o projeto. "Vamos privilegiar as obras de Vitrúvio, Cesare Ripa e Muratori, mas vale ressaltar que o nosso primeiro critério é o de uso, ou seja, se um pesquisador solicitar determinado livro, terá a prioridade", observa.

O professor do IFCH informa que Vitrúvio redigiu o único tratado de arquitetura romana que nos restou de antiguidade e que a Biblioteca Cicognara possui um número inverossímil de edições deste teórico. Quanto a Muratori, também escreveu seus livros, mas é fundamentalmente um congregador de fontes da história medieval, antiga e moderna. De Cesare Ripa, o mais importante é a iconologia, o primeiro grande repertório de imagens que ficou conhecido.

Tese registra as transformações do centro de Campinas



A publicitária e fotógrafa Patricia Rodolpho: "Procurei empreender uma 'viagem' pelo tempo por meio de fotos"

Cenas urbanas registradas pela fotógrafa: em foco, as mudanças da rua 13 de maio

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Durante três anos, a publicitária e fotógrafa Patricia Rodolpho, munida de uma Nikon FM 10, percorreu algumas das principais ruas do centro nervoso de Campinas, entre as quais a 13 de Maio, Ferreira Penteado, Costa Aguilar, Conceição e César Bierrembach. Produziu cerca de 700 fotos de prédios antigos em ruínas, paredes e muros pichados, a circulação efervescente de pessoas e transportadores de mercadorias daquela região da cidade.

Foram produzidas cerca de 700 fotos

Patricia se propôs a registrar, por meio da imagem fotográfica, as transformações urbanas e os consequentes efeitos visíveis da passagem do tempo, a partir do século 19 até a década de 70. Transformações que derivam do próprio crescimento da cidade e que incluem as sucessivas construções e demolições de prédios, modificando de modo considerável a estética da área central da cidade, principalmente a Rua 13 de Maio.

Sua pesquisa deu origem à dissertação de mestrado *A Rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas/SP*, apresentada recentemente no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes (IA), sob a orientação do professor Fernando de Taca.

Patricia investigou, de forma sistemática e profícua, as transformações urbanas e suas consequên-

cias, de modo a ser tornarem visíveis e compreensíveis. Sobretudo por meio da pesquisa teórica entrelaçada à prática fotográfica, a pesquisadora elaborou uma conceitualização para as antigas edificações que resistem à passagem do tempo, permitindo a pontuação temporal, que marcam a diferença entre o "velho" e o "novo" de um determinado espaço: as "âncoras temporais", que designam os prédios, e construções que resistem à passagem do tempo, se não fisicamente, pelo menos na memória coletiva da cidade.

Patricia explica que essas "âncoras temporais" e as funções que as caracterizam ao longo do tempo, possibilitaram a compreensão do processo de rupturas, que consistem na mudança de contexto cotidiano do centro e continuidades na dinâmica cotidiana da Rua 13 de Maio. Por exemplo, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, que começou a ser construída em 1807 e inaugurada 70 anos mais tarde, continua com sua função religiosa e que agrega a comunidade/população no centro da cidade.

A estação da Companhia Paulista, "criada para escoar a produção cafeeira em 1868, e que se caracterizou como um entroncamento ferroviário, está hoje em um momento de transição, cujo prédio, tombado, está sendo paulatinamente transformado em um centro cultural". Há ainda a Casa de Câmbio Roque de Marco, que, como a maioria das construções burguesas do século 19, sediava as atividades comerciais no andar térreo. E no andar superior abrigavam as famílias. Hoje, o terreno do

casarão Roque de Marco está subdividido em algumas lojas, "cujos pontos comerciais de tempos em tempos são repassados a outros comerciantes. O andar superior está em condições precárias. Há vários anos não é habitado", observa a pesquisadora.

Viagem pelo tempo — O teatro, por sua vez, guarda, através da memória coletiva, uma história singular: segundo a pesquisadora, construído em meados do século 19 pela emergente burguesia de Campinas, a primeira casa de espetáculos, o Teatro São Carlos, foi demolida em 1922 para ceder lugar a um outro teatro maior e mais suntuoso, o Teatro Municipal, inaugurado em 1930.

"Esse mesmo teatro foi demolido em 1965, e o espaço que abrigou as duas casas de espetáculo foi construída uma grande loja de departamentos", conta Patricia. Além das fotografias que produziu, a pesquisadora trabalhou também com aproximadamente 80 imagens geradas no início do século. "Procurei, digamos, empreender uma 'viagem' pelo tempo por meio de fotos. Me propus a mostrar como antes era a Rua 13 de Maio, com relação à sua parte edificada, assim como com referência à intensidade da circulação de pessoas e veículos no espaço, que aumentou significativamente ao longo do século. Um aumento evidentemente provocado pelo próprio crescimento da cidade e pela característica eminentemente comercial de uma das mais conhecidas ruas de Campinas", diz a pesquisadora.